



horizontes da comunicação

*experiências, entrevistas e
transcrições na pandemia*

Laura Ferreira Guerra
Ana Javes Luz
Nísia Martins do Rosário
Paula Viegas
(Organizadoras)



IMAGINALIS
EDITORA

Laura Ferreira Guerra
Ana Javes Luz
Nísia Martins do Rosário
Paula Viegas
(Organizadoras)

Horizontes da comunicação: experiências, entrevistas e transcrições na pandemia

1ª edição
Porto Alegre

EDITORA  **IMAGINALIS**

UFRGS
2021

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Editora Imaginalis. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Editora Imaginalis.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Ana Maria Lisboa de Mello

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Artur Simões Rozestraten

Universidade de São Paulo, Brasil

Blanca Solares

Universidad Nacional Autónoma de México, México

Corin Braga

Universitatea Babeş-Bolyai, Romênia

Cremilda Medina

Universidade de São Paulo, Brasil

Ionel Buse

Universitatea din Craiova, Romênia

Jean-Jacques Wunenburger

Université de Lyon III, França

Malena Contrera

Universidade Paulista, Brasil

Maria Cecília Sanchez Teixeira

Universidade de São Paulo, Brasil

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial Científico da Editora Imaginalis bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

Direção editorial: Ana Taís Martins

Projeto gráfico: Francisco dos Santos

Diagramação: Laura Ferreira Guerra

Revisão: Autores(as)

Organização: Laura Ferreira Guerra, Ana Javes Luz, Nísia Martins do Rosário e Paula Viegas.

Esta publicação foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECOMIA E COMUNICAÇÃO
BIBLIOTECA

H8119 Horizontes da comunicação : experiências, entrevistas e transcrições na pandemia. / Laura Ferreira Guerra, Ana Javes Luz, Nísia Martins do Rosário, Paula Viegas (Organizadoras). — Porto Alegre : Imaginalis, UFRGS, 2021.
p.

ISBN 978-65-5973-084-1 (pdf)

1. Comunicação. 2. Jornalismo. 3. Fake news. 4. Isolamento social. 5. Pandemia Covid 19 I. Guerra, Laura Ferreira. II. Luz, Ana Javes. III. Rosário, Nísia Martins do. IV. Viegas, Paula.

CDU: 316.77

junho, 2020

Pesquisa: um desafio recorrente e uma atitude de resistência¹

Nísia Martins do Rosário
PPGCOM-UFRGS

A professora Dra. Laura Wottrich nos desafiou a pensar sobre pesquisa numa hora dessas² e, ainda mais, pensar sobre os atravessamentos políticos e afetivos na investigação. Sem dúvida, um desafio importante em função do cenário vivido devido à pandemia de covid-19, mas também, simultaneamente, dos tantos desmontes da educação e da pesquisa que temos sentido na carne. No Brasil sempre foi um desafio

¹ Texto adaptado da participação no evento on-line **Pesquisa numa hora dessas? Atravessamentos políticos e afetivos da prática investigativa em comunicação**, realizado no dia 9 de junho de 2020. Disponível em <https://youtu.be/Znn7xif7eVc>.

² O momento para pensar a pesquisa refere-se ao primeiro ano de pandemia no Brasil (2020), quatro meses depois dos primeiros casos no nosso país.

pesquisar, mas esses acontecimentos acrescentaram uma camada de adversidade à frágil situação da educação, o que nos lembra que a pesquisa precisa estar em debate em tempo integral, é um modo de vida.

Muitas são as abordagens que podem envolver essa temática e, portanto, é preciso fazer um recorte. Minha proposta é apresentar, aqui, algumas considerações sobre cinco tópicos em correlação com a pesquisa e com a pandemia, os quais me inquietam com mais potência no momento e trazem à tona algumas questões de fundo das investigações científicas no Brasil, bem como provocam e problematizam a ciência e a postura do pesquisador.

O primeiro tópico diz respeito a busca por alguma compreensão sobre o momento vivido, e a pergunta que surge é: o que afinal estamos vivendo?

Assim como procuramos, por meio da pesquisa exploratória, informações para melhor entender o entorno do objeto de pesquisa, é necessário buscar a compreensão do momento que estamos vivendo – e sabemos que é mais difícil entender o fato enquanto ele está acontecendo.

Quando preparei essa fala para a *live* mencionada, em junho de 2020, o número acumulado de mortes no país estava em torno de 59 mil pessoas e tínhamos dificuldade de aceitar essa realidade pelas inúmeras alterações provocadas em nossas vidas. A grande maioria dos humanos no planeta terra não tinha vivido experiências como o confinamento, o isolamento social,

novas formas de trabalho, novos modos de fazer ciência, alterações no processo de educação formal, necessidade de redobrar cuidados com a higienização do corpo e dos objetos, o medo eminente da doença e a alucinante tempestade de notícias sobre o vírus, pesquisas para a vacina e medicamentos, caos econômico, disputas políticas, mortes... Foi necessário um bom tempo para processar tudo isso – e ainda estamos tentando assimilar essa tragédia. Contudo, o mundo não parou, apenas desacelerou nos primeiros meses da pandemia e fomos jogados de novo no fluxo dos afazeres e da produção. Uma situação incoerente porque o que estamos experimentando é mais compatível com filmes de ficção futurista, só que nos filmes há sempre um herói que consegue, em tempo recorde, um medicamento capaz de salvar a todos e não são tantos os mortos. Na ‘vida real’ esse herói não existe.

No momento em que reviso esse *paper* atingimos mais de 510 mil mortes no Brasil (10 vezes mais em um ano), e não se trata mais de aceitar uma nova realidade e o medo de ser contaminado, mas a impossibilidade de assimilar esse atroz aniquilamento de vidas. Pessoas próximas morrendo por falta de espaço nas UTIs ou, o que é pior, por falta de oxigênio; jovens e pessoas saudáveis contaminadas sem esperanças de recuperação; a fome assolando os menos favorecidos pela falta de emprego, de sustento. Na base de tudo isso, falta de políticas públicas, falta de políticas pela vida, falta de atuação governamental... falta de

humanidade, o que revela as estratégias fascistas³ e a necropolítica⁴ a que o povo brasileiro está submetido. Com essa realidade inconcebível, fomos obrigados a dar outro significado à vida. Fomos lançados nesse jogo surreal de assimilação e resignificação do mundo, de reelaboração de formas de vida, de urgência de sobreviver. Ficamos expostos a um jogo de roleta russa.

No que se refere à pesquisa, o impacto também foi grande, seja pela impossibilidade de acesso ao campo, aos laboratórios, por falta de insumos, entre tantos outros motivos. Mas não são só as adversidades nas materialidades da pesquisa se evidenciaram, as crises na educação, na saúde e na ciência ficaram evidentes e atingiram brutalmente diversas camadas da sociedade, mas principalmente as menos favorecidas. Por outras palavras, o momento não parece favorável para a pesquisa (como não o é para muitas coisas) porque os acontecimentos nos trazem incertezas, inseguranças, desmotivações, medo. Um dos fatos que demonstrou bem a crise da pesquisa – e que pode ser entendido como ‘deixar

3 Para melhor entender essa afirmação leia-se ECO, Umberto. **14 lições para identificar o neofascismo e o fascismo eterno**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/umberto-eco-14-licoes-para-identificar-o-neofascismo-e-o-fascismo-eterno/>. Acesso em: 30 jun. 2021.

4 Sobre necropolítica ver MBEMBE, Achile. **Necropolítica**. biopoder soberania estado de exceção política da morte. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 30 jun. 2021.

passar a boiada’ – foi a tentativa da Capes de cortar até 30% das bolsas de alunos de diversos programas de pós-graduação no país, em março de 2020. Graças à união coletiva de discentes, docentes e entidades, essa realidade não se concretizou naquele momento, mas repercutiu em 2021 com a finalização de bolsas existentes, o que significa igualmente corte de auxílio aos estudantes.

O desmanche da educação e da ciência fica cada vez mais indubitável, sobretudo o das áreas sociais e humanas que já vinham sendo abatidas nos últimos quatro anos. Outros tantos fatos, entretanto, se concretizam durante a pandemia, mas já estavam se desenrolando bem antes dela, como o desmantelamento do CNPq, os constantes cortes de recursos para a área da educação e o descrédito da ciência e da universidade pública por parte do governo federal. Em todos os casos ficam manifestas pequenas práticas – fragmentadas e constantes – que reverberam em ações contra a ciência, a educação e a pesquisa e, desta forma, a cada vez é preciso abrir frentes de resistência. Essas são estratégias políticas que visam desgastar e esgotar os envolvidos na causa – estudantes, professores, pesquisadores. Evidência de biopolíticas⁵ fascistas.

5 Sobre biopolítica ver FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Não podemos esquecer também que a história da pesquisa e dos pesquisadores nesse país conviveu sempre com cenários difíceis, sobretudo no que tange a recursos financeiros e reconhecimento de seu potencial. De modo geral, pode-se dizer que no Brasil a pesquisa se realiza apenas no âmbito da pós-graduação e, ainda, temos conhecimento de muitos pesquisadores que vão fazer suas carreiras fora do país, justamente pela falta de incentivo. Ou seja, o pesquisador nesse país sempre enfrentou inúmeras dificuldades de ordem científica, econômica, social, entre outras. Esse, contudo, é um momento atípico porque nossas vidas (assim como a de toda a população) também estão em jogo.

Muitos estão desmotivados, sem perspectivas para o futuro; muitos entraram em depressão nesse período, seja pela morte de familiares, seja pela falta de atendimento médico, seja pela falta de dinheiro para as despesas mínimas, seja pela falta de entendimento do funcionamento das necropolíticas circulantes.

De forma muito resumida, esse é o cenário que estamos vivendo no país nesse momento em relação à investigação científica, que não difere muito de outros tantos segmentos. Sobre esse primeiro tópico, o fechamento vem com uma colocação em forma de pergunta. Não resta dúvida que o momento é difícil, que não só a razão está afetada, mas também as emoções estão saindo de controle. Como pesquisadores, que historicamente se forjaram na luta por espaço e reconhecimento e, portanto, na resistência, qual nosso papel?

O segundo tópico refere-se à pesquisa como parte da vida e a importância de manter vivo o espírito de pesquisador, a curiosidade e a potência de luta.

Por que, afinal, queremos ser pesquisadores, por que queremos aprimorar nosso pensar sobre determinados objetos, campos, problematizações e compartilhar esse conhecimento com outros? Pensando bem, pesquisa exige ir além do curso de graduação, impõe dedicação para além da ‘hora do expediente’ – boa parte dos pesquisadores precisa acumular atividades que extrapolam as suas 40 horas semanais e, claro, não recebem horas extras. A maioria dos estudantes de mestrado e doutorado que não tem bolsa precisa trabalhar ao mesmo tempo que faz o curso – e quem tem essa experiência, sabe o quanto é difícil fazer mestrado ou doutorado, pois não significa apenas frequentar as aulas. Por outro lado, os estudantes bolsistas precisam se ‘virar nos 30’ para sobreviver com os limitados recursos do auxílio financeiro que recebem. Por que resistimos?

Entre as habilidades inatas de um/a investigador/a podemos citar em primeiro lugar a curiosidade e com ela a criatividade. Além disso, deve-se considerar o modo estratégico de ação, o engajamento nas causas sociais, o gosto pelo aprofundamento em determinadas temáticas, o amor pela reflexão, por pensar e buscar entender os fenômenos. Essas habilidades podem ser natas ou aprendidas no processo de investigação, no mergulho no

campo acadêmico. Contudo, uma habilidade fundamental para o pesquisador é a persistência.

Nessa perspectiva, pesquisa é construção de conhecimento a partir de estudo científico que visa encontrar caminhos, direções, perspectivas para o desenvolvimento de determinada área. Exige problematizações, leituras, pesquisa exploratória, pesquisa bibliográfica, pesquisa empírica, coleta de dados, testagens, comparação, relatórios, artigos, docência, orientação e mais problematizações. É um percurso intenso, um tanto solitário e, de todo o conhecimento adquirido, alguns serão descartados, outros integrados ao processo de investigação e de reflexão e outros ainda ficam lampejando no horizonte para mais problematização. Com certeza não é um caminho fácil, envolve também busca de recursos, falta de pessoal, serviço burocrático e, o que é pior, ser desacreditado por pessoas ignorantes que enquadram universidades públicas na 'balbúrdia'.

Em síntese, pesquisa nunca é fácil, nunca é reta, nunca é tranquila. O seu trajeto é trilhado com idas e vindas, necessidade de redirecionamentos, questionamentos constantes, espelhando momentos difíceis para chegar a resultados consistentes que permitam, de alguma forma, trazer contribuições para o conjunto de conhecimentos em formação. É a reflexão profunda, o pensamento lógico e os dados científicos conectados à criação, à inovação, à originalidade, à relevância, e à avaliação dos avanços possíveis. Mas também é o encontro com aquele objeto de

curiosidade que nos seduz e nos motiva a avançar. O/A investigador/a vive, sem dúvida, momentos de angústia nesse processo de geração de pesquisa, ou melhor, de gestação de pesquisa, e nele vai sofrendo ‘as dores do parto’. Vai andando por caminhos caóticos, de desorientações e reorientação, de desterritorialização e reterritorialização; certezas, dúvidas, razão, indecisões, emoções, afetos. Enfim um turbilhão de razões, rigores e subjetivações.

Nesse momento de pandemia estamos atravessados também por desilusão, insegurança, insensatez, desorientação na nossa vida privada, social, cultural e acadêmica. Contudo, ainda existem brechas para seguir investigando, para dar espaço à construção de conhecimento, para dar espaço e fortalecer esse impulso vital que é a pesquisa. O pesquisador tem gosto por fendas inexploradas. Não podemos esquecer que a instabilidade nos faz parar para repensar, levantar novas hipóteses e desfazer-se dela, problematizar contextos, teorias, metodologias, enfim, ir por caminhos rizomáticos, deixar-se perder para se encontrar. Esse é o trajeto da pesquisa, mas é um trajeto que poucos gostam porque tira do lugar comum, expulsa da zona de conforto. A curiosidade que habita o pesquisador nunca o deixa entrar na zona de conforto. Ao mesmo tempo, somos confrontados por subjetivações capitalísticas que estimulam um automatismo neoliberal de produtivismo, e é possível entender que na automatização a criação fica moribunda, o pensamento debilitado.

Pesquisar não pode corresponder a alienação e a indiferença em relação aos acontecimentos do mundo e, nessa via, à realidade que estamos vivenciando, em muitos momentos desprovida de lógicas racionais – e que têm nos deixado aturdidxs e sem saber que posição tomar. Apesar do coronavírus, e das tantas questões de saúde que nos atingem violentamente, o mundo não parou! O pesquisador é um ser do mundo e com o mundo, é um cidadão atuante e é um ser político.

Assim, o segundo pressuposto defendido aqui é que o pesquisador não está dissociado do cidadão político, que a pesquisa só tem sentido se conectada com o mundo.

O terceiro tópico que busco abordar é a pesquisa em meio a pandemia. A primeira questão que, provavelmente, veio às mentes dos/as investigadores/as quando a covid-19 chegou ao Brasil e impôs uma série de restrições foi: como vou continuar pesquisando? Não era possível acessar os laboratórios, acessar bibliotecas, reunir-se com os demais pesquisadores, ir a campo, entrevistar pessoas, reconstruir histórias de vida. Muitas impossibilidades.

Novamente foi necessário abrir brechas e se reinventar. Na prática foi (é) inevitável repensar os métodos usuais, reorganizar procedimentos metodológicos, ressignificar princípios investigativos. Outra realidade se impôs. Muitxs ficaram estagnadxs a princípio, afinal era (é) um momento incompreensível a partir de nossas experiências, período de isolamento social em grandes proporções com fechamento de comércio e indústria,

falta de espaço nos hospitais, crescimento absurdo de óbitos, crise financeira. As mutações são de todas as ordens e as conjecturas são inúmeras: espera-se profundas mudanças de paradigmas, novas formas de viver, outros modos de comunicar-se, outras experiências afetivas, evidencia-se a impossibilidade do neoliberalismo ser adequado para a solução dessa crise. Muitos pesquisadores e pensadores já começaram a trazer reflexões variadas sobre a pandemia a partir de diversos vieses epistemológicos e em correlação com diferentes áreas⁶, mas nada parece bastar, há muito a ser explorado.

Mostra-se relevante o fato de que esse momento empurrou ferozmente muitos pesquisadores em direção à descoberta de vacinas; outros tantos para testar remédios, estudar mutações do vírus, compreender os avanços das contaminações, desenvolver tecnologias voltadas à saúde, examinar novos modos de interação, circulação de mercadorias, alterações nos processos de comunicação, entre tantos outros.

Não podemos esquecer, por outro lado, que justamente em função da pandemia, a ciência ganhou potência. As notícias não param de informar sobre a importância das pesquisas para a busca da vacina, para a orientação de medidas sanitárias, para a

6 Textos relevantes sobre a pandemia encontram-se no site da Editora N-1, aba 'pandemia crítica'. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos>. Acesso em: 30 jun. 2021.

salvação da vida de pacientes contaminados, para a avaliação de grupos humanos em termos de saúde física e mental, para analisar o funcionamento de novos modos de comunicação devido ao isolamento social, entre tantas outras pautas. Boa parte da sociedade começou a entender melhor o papel da pesquisa e do cientista, bem como passou a acreditar nessa área que não era foco tão constante do jornalismo. Todas as áreas de investigação se beneficiam disso, é uma oportunidade para fortalecer a crença na ciência, na pesquisa e no pesquisador. Claro que, numa via paralela, ela enfrenta resistência por parte daqueles que, por populismo ou por um senso desqualificado, não querem reconhecer seu potencial – e, infelizmente, essas ações são fomentadas justamente na escala governamental da presidência da República no nosso país.

Esse é um período rico para a pesquisa, momento que coloca em movimento a curiosidade e a criatividade do investigador, bem como sua relação e a relação do seu trabalho com a vida e com a cidadania. Por meio da reinvenção fomos impelidos ao fluxo vigoroso da ciência que se configurou a partir dos acontecimentos pandêmicos. As brechas se abriram, seja para dar continuidade às nossas investigações em curso, para abrir portas para outros objetos de pesquisa, seja para renovar vieses epistemológicos. Desde o ponto de vista da comunicação, da saúde, da matemática, da cultura, da economia ou de qualquer outra área, esse momento permite vislumbrar inúmeros cenários investigativos por diversas vias, teorias e metodologias.

Retomando o que foi colocado nos três tópicos desenvolvidos até aqui, uma pesquisa, por princípio, propõe a dissolução de caminhos sobrecodificados, rearranja constantemente as certezas da ciência, busca caminhos diversos e constrói conhecimento não a partir do mesmo, nem a partir de si mesmo, mas reconhece a importância de novos olhares e de outros saberes. Uma investigação potente desacomoda e busca desconstruir os discursos de verdade estabelecidos, tensionando linhas de força, capturando o novo, buscando a alteridade e o que é negado ou está escondido.

O terceiro tópico, então, reforça que pesquisa não é apenas um modo normatizado de conduzir uma investigação formalizada. Pesquisa é uma atitude.

Essa perspectiva leva ao quarto tópico, este dedicado a uma atualização do que se entende como ciência e como pesquisa, fruto da desestabilização trazida pela pandemia, mas também por todo o movimento que vem assumindo contornos desde o meio do século passado.

É enganoso pensar que ciência não traz posicionamentos políticos ou não está atravessada por afetos. É enganoso achar que 'A' verdade está nas mãos da ciência e que o único conhecimento válido é o conhecimento científico. Reconhecer esses fatos é uma virtude necessária para a ciência. As configurações que a ciência foi assumindo desde o Iluminismo geraram um idealismo acerca dos processos de pesquisa e de aquisição de conhecimento que excluem

e/ou omitem a desordem, a confusão, o engano, o conflito, o erro. Bourdieu (2011, p. 122) ajuda a desmitificar o campo da ciência: “o universo puro da mais pura ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólios, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros, mas onde todas essas invariantes revestem formas específicas”. Essa afirmação expõe aquilo que alguns tentam esconder sob a razão, o equilíbrio e a imparcialidade do campo científico, as relações de força e de poder que também estão em reflexões de Boaventura de Souza Santos (1989), Feyerabend (2007), entre outros.

O fato de a ciência ter-se pautado por regramentos e universalidades levou a que fossem ignoradas alteridades, anomalias, minorias, diferenças, multiplicidades em prol de certezas, maiorias e de verdades determinadas. Acostumados a paisagens modeladas, a se deparar com caminhos prontos e protegidos pelo saber hegemônico, alguns/mas investigadores/as perderam sua essência na burocracia do discurso. Nas palavras de Mills (1995) o artesão é substituído pelo burocrata. Quem ainda tenta ser artesão não pode deixar de considerar a verdade das incertezas, as especificidades de cada objeto e as particularidades de cada problema, além da diversidade de olhares e percepções. O fazer científico, em sua essência, progride na exata proporção do trabalho e das criações de seus artífices; mas progride também, infelizmente, industrialmente na esteira da repetição e do preenchimento de formulários. Feyerabend (2007), inclusive,

defende a rejeição de todas as padronizações universalizantes, bem como a rigidez das tradições.

A quinta reflexão que quero trazer é sobre o modo de entender e de fazer ciência, por outras palavras, a pesquisa precisa ser repensada e atualizada. Precisamos questionar as burocracias da pesquisa ainda que elas nos persigam; precisamos interpelar o produtivismo ainda que sejamos avaliados por ele; necessitamos tensionar velhos paradigmas epistemológicos e metodológicos. É fundamental fazer a crítica da própria ciência. O fato de propor a crítica da ciência, contudo, não significa seu descrédito, pelo contrário, tem o sentido de encontrar potências de saberes e de força do conhecimento científico.

Por fim, no último tópico me proponho a delinear possibilidades para a pergunta feita pela professora Laura como título dessa *live*: Por que pesquisar numa hora dessas?

Como pesquisadores e cidadãos, pesquisadores-cidadãos, não podemos nos furtar de resistir à realidade do nosso país, não podemos nos furtar ao nosso compromisso com o conhecimento, com o saber, com a educação, e com o coletivo. Nesse momento não podemos naturalizar ou ignorar o número de mortos seja pela covid-19, ou por outras doenças que não são atendidas pelo sistema de saúde e são ignoradas pelas políticas públicas. Não é a hora de desconsiderar as manobras políticas que estão se delineando num viés fascista, não podemos desprezar

os desassistidos, os corpos que não importam, as mortes que se exacerbam pela necropolítica que se evidencia em nosso país.

Se o pesquisador não está dissociado do cidadão político e a pesquisa só tem sentido se conectada com o mundo, nosso melhor papel é pesquisar para defender princípios cidadãos.

Se perguntei anteriormente: “Por que, afinal, queremos ser pesquisadores?” foi para repensarmos nosso papel, nosso lugar de fala e nossos privilégios. Mas, ao mesmo tempo, reconhecer nossa formação, nossos duros dias investidos no mestrado e/ou no doutorado, nossa dedicação às investigações, às leituras, às orientações, à docência, entre outros.

Se considero que pesquisa não é apenas um modo convencional de conduzir uma investigação formalizada, mas que pesquisa é uma atitude, é porque entendo que há um pesquisador vivo em todos nós interessados pela ciência, e esse ser é forjado na atitude, no modo de ser, numa existência cidadã.

Se entendo que devemos repensar e atualizar o nosso entendimento sobre pesquisa e ciência, é porque estão óbvias as transformações pelas quais passamos: são novos paradigmas, novos modos de entender o mundo, novos tipos de conhecimento, novos métodos científicos, novos princípios mais adequados ao momento vivido, novos desafios a partir de vivências cruéis da pandemia. A ciência só tem força se atualizando.

Então, considerando esses pontos colocados e entendendo que a pesquisa é um caminho de força e potência cidadã, a melhor

resposta que tenho para a pergunta que titula o encontro – Pesquisa numa hora dessas? Por que pesquisar? – tem como resposta apenas duas palavras: **para resistir**.



Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2011.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**: esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: F. Alves, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. biopoder soberania estado de exceção política da morte. **Arte & Ensaios**, n. 32, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 30 jun. 2021.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.